

A GUERRA PENINSULAR

PERSPECTIVAS MULTIDISCIPLINARES



CONGRESSO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR
EVOCATIVO DA GUERRA PENINSULAR

XVII COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR
NOS 200 ANOS DAS INVASÕES NAPOLEÓNICAS EM PORTUGAL



WAITING FOR JUNOT: OS FILHOS DA ESTRELA E A SERRA DA LUA

MIGUEL ALARCÃO.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa.
Centro de Estudos Anglo-Portugueses.

Em Junho de 1984, sobrevoando alguns livros expostos numa banquinha de rua da Livraria Galileu, Cascais, chamou-nos a atenção o seguinte sumário: “Fierce intrigue and suspicion wrap themselves around a young girl caught in the Portugal of the Napoleonic War.” O nome da autora (Jane Aiken Hodge, nascida em 1917 no estado de Massachusetts, mas educada em Oxford e residente em Lewes, Sussex) e o título da obra (*The Winding Stair*)¹ pouco ou nada dirão talvez a muitos dos presentes.² E, no entanto, além de *The Winding Stair* e de estudos biográficos sobre Jane Austen (1775-1817)³ e Georgette Heyer (1902-1974), Jane Hodge tem a seu crédito mais de trinta romances, entre os quais dois outros com presumível interesse para os estudos literários e culturais anglo-portugueses – *Whispering* (1995), centrado no Porto contemporâneo da Guerra Peninsular,⁴ e a sua sequela, *Caterina, A Novel* (1999), já em plenas guerras liberais –, o que convida ou mesmo desafia os investigadores desta área à (re)constituição de eventuais roteiros de leituras e visitas ‘portuguesas’ desta autora norte-americana.

Temporalmente inserida no período 1806-1807, entre o Bloqueio Continental e a 1.ª invasão francesa,⁵ a acção de *The Winding Stair* abre em Inglaterra (*Forland House*, cuja proprietária,

¹ Referência da edição consultada: Jane Aiken Hodge. 1972. *The Winding Stair*. London: Coronet Books/Hodder Paperbacks Ltd.

² “She enjoys the borderland between mystery and novel, is pleased to be classed as a feminist writer, and is glad that there is neither a glass ceiling nor a retiring age in the writers’ world.” (http://www.davidhigham.co.uk/html/Clients/Jane_Aiken_Hodge).

³ Alguns dos temas, dos motivos e das convenções da narrativa austeniana perpassam, aliás, em *The Winding Stair*, designadamente nos três capítulos iniciais, centrados em Inglaterra: por exemplo, a descrição, não raro eivada de laivos caricaturais, das diversões e dos rituais de sociabilidade das classes altas e médias-altas, quase sempre enquadrados por relações de vizinhança, bem como a focagem de aspectos atinentes ao “mercado de casamento”, como a existência de filhas casadoiras, a importância do matrimónio e do dote como via e alavanca de ascensão socioeconómica, etc.

⁴ Além de *The Winding Stair* e *Whispering*, a acção de *Shadow of a Lady* (1973) situa-se igualmente no período das guerras napoleónicas, mas em Nápoles (cf. <http://www.fantasticfiction.co.uk/a/jane-aiken-hodge>).

⁵ As referências aos principais lances históricos constantes deste intervalo partem quase sempre das personagens, não do narrador; à primeira indicação relevante – a permanência de Junot (1771-1813) em Bayonne, em Agosto de 1806 (Hodge 40) –, seguir-se-ão inúmeras outras, ao alinhamento russo-prussiano (*Ibid.* 76-77), à deslocação para leste dos exércitos napoleónicos (*Ibid.* 135), à vitória francesa de Jena sobre a Prússia, em 14.10.1806 (*Ibid.*

Lady Vanessa Forland, ensaia a representação de uma ópera de Haydn inspirada em *Twelfth Night*,⁶ cedo transitando para Lisboa e a região de Sintra (ela própria vinculada, através da Convenção de 30 de Agosto de 1808, à partida das tropas de Junot). Esta mudança de cenário explica-se pelo facto de a protagonista, Juana Brett⁷ (a ‘Viola’ de *Twelfth Night*), ser filha de uma senhora portuguesa (Juana de Mascarenhas, ainda aparentada com os Aveiro, de regicida memória) e de Reginald Brett, um mal-sucedido comerciante de vinhos em Inglaterra. Na história de vida de Juana, a vertente anglo-portuguesa é reforçada pelo facto de a avó paterna (*Lady* Charlotte Brett, uma viúva matriarcal e carismática) habitar ainda no Castelo da Rocha (*Castle on the Rock*),⁸ junto à costa atlântica, nas cercanias, portanto, dessa Serra da Lua⁹ celebrada por antigos e modernos, clássicos e românticos, portugueses e estrangeiros, viajantes e artistas da pena e da palavra.

155), ao decreto de Berlim, de 21.11.1806 (*Ibid.* 155), a Danzig (*Ibid.* 183-184), às batalhas de Eylau, em 08.02.1807 (*Ibid.* 171), e Friedland, em 14.06.1807 (*Ibid.* 198), ao tratado de Tilsit, em Julho de 1807 (*Ibid.* 199), ao bombardeamento britânico de Copenhaga, no início de Setembro de 1807 (*Ibid.* 231), etc. A partir de Julho desse mesmo ano, a apresentação do ultimato napoleónico a Portugal (*Ibid.* 201) e o tratado franco-espanhol de Fontainebleau, em 27 de Outubro (*Ibid.* 272), acentuam claramente a ameaça francesa, que não deixará de intensificar-se até ao final do romance, marcado por duas partidas – a da Família Real para o Brasil e a de Juana Brett e Gair Varlow para Inglaterra –, quando Junot entrou já em Lisboa (30.11.1807, escassas horas após a saída da frota real, rumo ao Rio de Janeiro) e, no Castelo de S. Jorge, a bandeira portuguesa dá lugar à sua congénere tricolor (em 13.12.1807, segundo Manique 41).

⁶ Segundo informação prestada pelo professor e musicólogo David Cranmer, a quem pública e reconhecidamente agradecemos, não se conhece, porém, qualquer ópera de Franz Josef Haydn (1732-1809), ou a ele atribuída, sobre a peça de Shakespeare.

⁷ A grafiação castelhana do nome é assim explicada por Juana a Gair Varlow: “It’s Spanish, after my mother. Not that she was Spanish, thank God. [...] But she spelt it that way. It was some kind of a family thing.” (Hodge 10); cf. *infra*, n. 27).

⁸ Outra tradução possível, embora arcaizante, seria “Castelo da Roca”, que teria, porém, a vantagem de evocar de imediato o cabo homónimo, no qual o castelo surge, aliás, situado (Hodge 10). É, de resto, significativo da projecção literária e turística de Sintra nas comunidades anglófonas que *Mrs.* Cynthia Brett, madrastra de Juana, exclame, contrapondo a vila e o promontório: “I’m not going to live in that draughty old castle of hers, that’s one thing certain. If she wants us, she must find us a suitable house [...] in the district. Sintra would be best, by what I’ve heard. There sounds to be quite a civilised English society there. Not like that grim castle by the sea where you grew up. It always sounded a dead and alive hole to me.” (*Ibid.* 34). A opinião global de Cynthia Brett sobre Portugal é igualmente desfavorável, levando-a a responder assim a uma pergunta cortês de Gair Varlow: “Like it! (...) My dear Mr. Varlow (...). How could I like it? Dirt, and grease, and absolutely no conversation! Don’t ask me how I like Portugal; tell me instead how you endure it. Is there any society in Lisbon?” (*Ibid.* 167).

⁹ Além desta designação, ocorrem frequentemente também as de *Mons Sacer*, adoptada por Varrão (Marcus Terentius Varro, 116-26 A. C.) e Columela (*apud* Serrão 25), *Mons Lunae* (Ptolomeu *apud ibidem*) e “Promontório da Lua”, esta última utilizada, entre outros, por Damião de Góis, na *Crónica del rei D. Manuel* (*apud ibid.* 18), e Sérgio da Lua¹⁰, mas por vezes aplicada somente, em sentido restrito, à extremidade ocidental da serra. Luís de Carvalho (16), mas por vezes aplicada somente, em sentido restrito, à extremidade ocidental da serra. “Monte da Lua” foi também, recorde-se, a denominação adoptada pela empresa Parques de Sintra, SA, gestora do Castelo dos Mouros, dos Parques e Palácios da Pena e de Monserrate e do Convento dos Capuchos. Por último, o próprio brasão da vila ostenta, como se sabe, dois crescentes, encimados por duas estrelas, ladeando uma torre erguida sobre um fragoso monte.

Antes do segundo casamento do Pai, da ruptura deste com *Lady* Brett e da consequente partida para Inglaterra, Juana terá vivido em Sintra uma infância despreocupada e feliz, que contrasta com o lugar de Cinderela para que é remetida após o nascimento das suas meias-irmãs, Daisy e Teresa,¹⁰ e que recorda com saudades¹¹ talvez semelhantes às presentidas pelos argonautas camonianos.¹² O regresso da jovem de dezassete anos a um Portugal *waiting for Junot*, encurralado entre a crescente ameaça napoleónica e a vazante Regência joanina, não será, porém, ditado por razões familiares ou sentimentais; na verdade, tal regresso, urdido pela própria *Lady* Brett, é executado por Gair Varlow, irmão mais novo de *Lady* Forland (em cuja casa conhece e conquista a confiança de Juana) e agente secreto ao serviço de *Lord* Howick, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Charles J. Fox (1749-1806).¹³ Assim, embora as razões do regresso da jovem a Portugal não nos sejam desvendadas de imediato, cedo se pressente que ele visa algum tipo de colaboração, mais ou menos arriscada e sigilosa, com Gair Varlow e a própria avó de Juana, cujo falecido esposo, James Brett, um conde jacobita, se exilara em Portugal, prosseguindo clandestinamente uma actividade política pró-Stuart durante o consulado pombalino.

Logo após o desembarque em Lisboa e o reencontro de Juana e Gair Varlow em São Roque, uma atmosfera generalizada de intriga, tensão, expectativa, desconfiança, mistério e perigo, em larga medida invisível e silenciosa, começa lentamente a tomar forma, traduzindo-se em diversos sequestros, ciladas e homicídios¹⁴ e no assalto da jovem no regresso de uma visita ao Convento dos Capuchos.¹⁵ Mas é durante a viagem em direcção à Serra da Lua, na

¹⁰ Daisy e Teresa apaixonar-se-ão, respectivamente, por Pedro e Roberto Brett-Alvidrar, primos de Juana; enquanto Pedro, o mais velho, integra a casa de D. Carlota Joaquina, Roberto serve o futuro D. João VI (1816-1826).

¹¹ “They’re happy people, the Portuguese; they don’t swear much, or drink either. I didn’t know what life was really like, till I came here, to England. (...) In Portugal, I was alive. I could talk, think, breathe (...). The sun, and the sea, and the quietness (...). I grew up there, you know. I was happy. (...) And I did not even know it, till we came away, my father and I.” (Hodge 9-10 *passim*).

¹² “Já a vista, pouco a pouco, se desterra / Daqueles pátrios montes, que ficavam; / Ficava o caro Tejo e a fresca serra / De Sintra, e nela os olhos se alongavam. / Ficava-nos também na amada terra / O coração, que as mágoas lá deixavam. / E já depois que toda se escondeu, / Não vimos mais, enfim, que mar e céu.” (Canto V, 3).

¹³ Trata-se de Charles Grey (1764-1845), 2.º conde Grey, amigo e sucessor de Fox na pasta dos Negócios Estrangeiros e, mais tarde, chefe do partido *whig* e Primeiro-Ministro (1830-1834), num mandato marcado, como é sabido, pela primeira grande reforma eleitoral e parlamentar britânica (1832).

¹⁴ Morte do mensageiro de Gair Varlow (Hodge 48), de Tomas (sic) (*Ibid.* 142), do *Brother of the Lion* (*Ibid.* 212), etc.

¹⁵ A sua apresentação como “(...) the Cork Convent, the curious eyrie high up on the ridge, where a group of Franciscan monks lived, piously uncomfortable, in cork-lined cells.” (Hodge 89) retoma a designação tradicional do cenóbio nos diários e relatos de viagem britânicos.

estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,¹⁶ que Jaime, o aterrorizado camareiro de *Lady Brett*, informa Juana da existência dos “Filhos da Estrela”:

‘Things have changed here since you were a child. It’s not only the Inquisition now, or the secret police ... You’ve heard of the Freemasons?’

‘Why yes. We have them in England. They’re a ... I don’t know ... a secret society of some kind, aren’t they? Do you have them here, too?’

‘Yes. If it was only them. When Junot was here, two years ago – you know about him?’

‘The French General? Napoleon’s friend? Yes, of course.’

‘Well, he was Ambassador here – Such state as he kept; you should have seen it. A jumped-up nobody from God knows where ... But he was a great one for the Freemasons – at first.’

‘What do you mean?’

‘They weren’t secret enough for him. Or – another nervous look round – ‘violent enough. But there was another society. *Menina*, you’ll not breathe a word of this – not to anyone, not even to your grandmother? Swear it?’

‘I swear, Jaime.’ She had caught his seriousness.

‘They call themselves the Sons of the Star.’ He whispered it, as if the larks, twittering high above them, might hear. ‘If they condemn you to death, you’re dead. No one knows anything about them. Your own brother might be one, your father, and you’d not know. They take an oath of secrecy so dreadful – the Freemasons’ is nothing to it.’

‘But what do they do, Jaime?’

Once again he looked about him nervously. ‘It’s hard to say, since their victims, even if they let them live, never speak of what has happened to them. [...] They were founded soon after the earthquake. Their doings were more open then, from what I’ve heard; it was only when King Joseph died (God rest his soul) and Pombal fell out of favour that they went underground. And ever since, they have been growing steadily more powerful. *Menina*, the prayer you whisper into your pillow tonight may be the subject of discussion at their next meeting. They have eyes and ears everywhere. And I’ve heard it said that since Junot’s time they have begun to mix themselves with politics. Well, you know, it’s not all love and roses between us and England. *Senhora*, anything could happen. They stick at nothing. That’s the one thing everyone knows about them. If they decide to get rid of the English – why, every one of them might be found dead in his bed. (Hodge 52-53)

¹⁶ Segundo Sérgio Luís de Carvalho, o início das carreiras regulares de diligência entre Lisboa e Sintra data de 1835 (Carvalho 88); quanto à ligação ferroviária, ela só seria inaugurada em 1887 (*Ibid.* 111-112). Tempos ainda bastante anteriores a quaisquer Chevrolets e ICs 19, alargados ou não...

A entrada em cena desta sociedade secreta,¹⁷ cujos membros, vindos por mar, se reúnem mensalmente numa gruta subterrânea¹⁸ em noites de lua cheia e cujos encontros obedecem a fórmulas e procedimentos rituais de abertura, encerramento e despedida,¹⁹ dá-se no capítulo 6. Através de uma longa escadaria (a *winding stair* do título), esta gruta comunica com os

¹⁷ Conquanto Jane Hodge dê por fictícios os Filhos da Estrela (Hodge 320), transcrevam-se as seguintes palavras sobre a Ordem da Estrela do Oriente, de inspiração bíblica e aberta a ambos os sexos: “Embora os seus característicos [sic] levem-nos a crer ser relativamente moderna a sua criação, os seus fundadores pretendem atribuir-lhe uma existência secular, relacionando-a com outras sociedades secretas.” (Albuquerque 466) e “Foram feitas várias publicações pela Ordem da Estrela do Oriente, referindo-se a agrupamentos filiados em vários países de língua espanhola, nos Estados Unidos e em Portugal.” (*Ibid.* 468). Quaisquer interpretações dos Filhos da Estrela à luz de uma eventual presença ou influência de filosofias, valores, princípios, práticas e objectivos maçónicos – um projecto cuja sustentabilidade científica haveria que apurar – exigiriam conhecimentos e formações especializados que assumidamente não possuímos; contudo, no dizer de A. H. de Oliveira Marques, “(...) a tradição maçónica atribui ao ano de 1727 a introdução da Maçonaria em terra portuguesa (...). E de facto, quinze anos mais tarde, o mártir da maçonaria anglo-portuguesa, Coustos, apontava 1728 como o ano da criação da primeira loja lisboeta, fundada pelo inglês Dugood.” (Marques 1990 23). A tese segundo a qual a influência maçónica inglesa terá mesmo prevalecto sobre a sua homóloga francesa até meados-finais da década de 1810, defendida por Maria da Graça Silva Dias (Dias 429, 433 e 435), é parcialmente corroborada pelo historiador (Marques 1990 73). Joel Serrão, por sua vez, acrescenta: “Em 1804 é eleito o primeiro grão-mestre português. (...) No decurso das invasões francesas, forjaram-se na metrópole condições que foram propícias ao engrossamento dos quadros maçónicos.” (Serrão (dir.) 214), não obstante algumas hesitações e ambivalências na recepção e reacção da maçonaria portuguesa a essas invasões (cf. Marques 1990, 93-94).

¹⁸ Segundo Vítor Manuel Adrião, “Uma verdadeira cidade subterrânea, formada por túneis e grandes galerias, a partir do Castelo da Penha e construídos pelos Mouros e pelos Templários há cerca de oito séculos, faz com que a Serra de Sintra se pareça mais com um enorme queijo ‘Gruyère’ do que com uma montanha (...)” (Adrião 167). Noutro passo da mesma obra, o investigador particulariza: “(...) a passagem subterrânea [do “Café Paris”] lembra-me os estatutos secretos do Mestre Roncelin para os Irmãos do Templo, datados de 1240, especificamente a recomendação (...): ‘Tende em vossas casas lugares de reunião vastos e escondidos a que se terá acesso por **corredores subterrâneos** [em negrito no original] para que os Irmãos possam ir às reuniões sem o risco de serem perturbados (...). Recentemente, descobriram-se nas proximidades, no espaço do “Café da Avó”, novas galerias subterrâneas adentrando o ventre da Serra (...)” (*Ibid.* 132-133). Sobre a gruta da Adraga, sita na praia homónima, próximo de Almoçageme, consulte-se também Morgado 3-8.

¹⁹ Cf. o seguinte diálogo entre *Mrs. Brett* e os acólitos, na recepção inaugural dos Filhos da Estrela:

“Who comes here?”

‘The Sons of the Star’. A man’s voice from behind the right hand torch.

‘And why do you come?’

‘That we may gain wisdom, knowledge, power and peace.’

Mrs. Brett moved backwards and to one side. ‘Enter, Sons of the Star, and may your hearts’ desire be granted.’” (Hodge 71-72).

Ou, concluídos os trabalhos:

“Sons of the Star, we meet only to part; we separate that we may come together; we pledge ourselves, one and all to work without fear and without fail for the greater glory of the Star. What is the penalty for failure?”

‘Death.’ The voices echoed strangely.

‘And the doom of treachery?’

‘The death in life that is worse than death.’

‘So be it. And now, brothers, may the Star speed you on your way, and make you worthy of its light.’” (*Ibid.* 78-79).

aposentos de *Lady Brett*, cabendo à velha aristocrata e a Juana, que lhe sucederá no cargo de *Handmaiden of the Star*, facultar o acesso dos Filhos da Estrela à Câmara do Conselho na qual se reúnem e sobre cuja mesa pende um candeeiro em forma de estrela de sete pontas. Não obstante os votos e juramentos de discrição e sigilo absolutos (Hodge 74-75), graças a um postigo talhado na rocha, avó e neta podem observar e ouvir as figuras encapuçadas e apenas identificáveis pelos motivos heráldicos das respectivas capas;²⁰ é assim que Juana toma conhecimento dos planos conspiratórios, que incluem o derrube da Casa de Bragança, com o apoio das forças francesas, o assassinato da Família Real, caso a sua partida para o Brasil não venha a verificar-se, e a subsequente tomada do poder pelos conjurados, sobrepondo-se às tropas de Junot.²¹ A missão de Juana consiste, pois, na transmissão destes planos a Gair Varlow e às instâncias diplomáticas britânicas creditadas em Portugal, entre as quais pontifica o camonista *Lord Strangford* (1780-1858).²² Neste quadro, o convívio e envolvimento amoroso (inicialmente, apenas fictício) entre Gair Varlow e Juana Brett constitui um mero expediente, visando objectivos de espionagem e passagem de informações ao Governo de George III (1760-1820).

Além de Camões, por interposto tradutor, também D. Sebastião figura, um tanto inesperadamente, em *The Winding Stair*, se bem que, nos contextos histórico, político e militar da Europa de há dois séculos, a asfíxiante situação de Portugal torne credível a incorporação no

²⁰ Algumas identidades serão, no entanto, reveladas no decurso do romance: por exemplo, *Brother of the Ragged Staff* (Miguel, tio de Juana), *Brother of the Broken Cross* (o primo Roberto), *Brother of the Silver Hand*, *Brother of the Crescent Moon*, *Brother of the Golden Eagle*, *Brother of the Silver Serpent* (Gair Varlow), *Brother of the Lion* (o padre Ignatius), etc.

²¹ Cf., por exemplo, as palavras do chefe: "Now, at last, Brothers, we know where we stand. Napoleon has dealt with the Russians: they will not dare meddle in Europe again in our lifetime. Now he is ready to turn his eyes back to the west. Already, Portugal is shaking under his ultimatum. Brothers, our moment is at hand! (...) I have Napoleon's promise of armed assistance in our plans to take over the government of our suffering country? (...) When Portugal is free, we will be masters here, and no one else. No one, then, will stay in our country without our leave." (Hodge 210-211 *passim*) ou "There is talk once more at court, Brothers, of an evacuation to the Brazils. Then is our chance. We will be spared the necessity of destroying the royal family. If they flee, they destroy themselves. Who will want them back? We can begin our new era without the stain of royal blood. Brothers, you ask me to name the day we strike. I name it: the day the Prince Regent sails down the Tagus." (*Ibid.* 222-223); para outras formulações dos planos ou da sua evolução, cf., por exemplo, *ibid.* 233-234 e 271.

²² Conforme corrobora Maria Eugénia Penteadó, "Em 1804 [Strangford] estava em Lisboa como secretário de Legação, cargo a que não terão sido alheios factores relacionados com a sua posição social, conhecimentos de português e, possivelmente, o impacto da tradução de Camões.

Ascenderia rapidamente na fase inicial da carreira, passando, primeiro, a Encarregado de Negócios e sendo-lhe, depois, atribuídos plenos poderes para o desempenho das funções de representação do governo britânico (1806). Nesta qualidade (...) ver-se-ia confrontado com delicadas negociações, particularmente aquelas que (...) persuadiram o príncipe-regente (...) a deixar Lisboa e a estabelecer-se (...) no Rio de Janeiro (...).

Strangford acompanhou a Corte e manteve-se no Brasil entre 1808 e 1815." (in Sousa (coord.) 131). Recorde-se, a propósito, a referência a "(...) the deplorable translation of Camoens' *Lusiads* published by the British minister Lord Strangford (...)" (Hodge 62), juízo atribuído a Prospero, tio de Juana e ele próprio um camonista.

romance da espera²³ e da esperança sebasticas²⁴ que também Robert Southey (1774-1843) viria a registar, equiparando-as à longa vigília arturiana.²⁵ Contudo, D. Sebastião 'antes e depois de Alcácer-Quibir' não surge aqui apenas na qualidade e dimensão de mito do imaginário nacional lusitano; na verdade, Jane Hodge confere-lhe uma coloração local, ao associá-lo a lendas, crenças e superstições sintenses²⁶ e ao apresentar Vasco de Mascarenhas, primo de Juana pelo lado materno, como alguém que tem "Sebastião" como segundo nome próprio; se pretende descendente e herdeiro da Casa de Avis (ou seja, o legítimo rei de Portugal em detrimento dos Braganças);²⁷ e é ele próprio o chefe dos Filhos da Estrela.

²³ Note-se, a propósito, que, enquanto a população portuguesa aguarda, aparentemente conformada, uma invasão que têm por inevitável, os ingleses (des)esperam por uma reacção da Corte e os próprios Filhos da Estrela, também eles à espera do prometido apoio napoleónico, acham-se divididos no tocante à conveniência, oportunidade ou vantagem em aguardar por Junot ou em avançar sozinhos.

²⁴ Na sua *Nota acerca das invasões francezas em Portugal...*, Brito Aranha alude, de resto, a uma "guerra sebastica" (Aranha 34-39 e 261-269), uma musculada contenda ideológico-editorial que arregimentaria, entre outros autores, o Pe. José Agostinho de Macedo (1761-1831).

²⁵ Tendo-lhe Prospero perguntado se conhece a história de D. Sebastião, Gair Varlow responde:

'Of the King who disappeared after being defeated by the Moors? Yes, indeed. That was during Camoens' lifetime, was it not? Is it true that many Portuguese still believe that he is waiting, like King Arthur, in some limbo, and will return one day to save his country in its hour of need?'

Prospero shrugged. 'Our peasants will believe anything. Sebastianism always revives when there's trouble. I expect if you asked (...) our footmen (...) they would tell you they confidently expect him to appear at the eleventh hour and rout the French.'" (Hodge 84).

²⁶ Atente-se no seguinte diálogo entre Juana e Maria, a propósito das neblinas que --- qual Palácio da Pena ou Castelo dos Mouros --- envolvem o Castelo da Rocha:

"Iago says this is Sebastian's weather.' Maria was brushing Juana's hair by the open window. 'Sebastian?'

'You know, senhora. The lost king who will come again when things are at the worst, and save us. Iago says he has slept for two hundred years on a secret island somewhere out there in the ocean. If the French really invade, he will sail up the Tagus with a fleet and drive them out.'

'Surely you don't believe that, Maria?'

'I don't know. On a morning like this, anything seems possible. And they all believe it down in the valley. He'll come here first, you know.'

'Here?'

'Don't you know the story? He never married, poor King Sebastian, but there was a Spanish lady, here, at the Castle on the Rock. She was the last person he visited before he sailed away to Morocco, and, they say, when he comes back, he will come here first to look for her. Who knows? Perhaps he will find her. Perhaps she is sleeping down there in the cliff somewhere, and will wake when his ship sails into the cove. And then, you see, senhora, one kiss and he will mount his horse and ride away to beat the French as they have never been beaten before. That's why no one's doing anything, don't you see? They're waiting...'" (Hodge 230); sugerimos igualmente a leitura do posterior diálogo entre Juana e Gair Varlow sobre este mesmo assunto (*Ibid.* 239-240).

²⁷ Cf. o seguinte diálogo entre Vasco e Juana:

'Do you know what my second name is?'

'Your second name?' She began to wonder if he could be mad.

'It's Sebastian, after our famous ancestor. And you are named for his wife. Surely you must know the story of the lost Prince Sebastian?'

Em nota prévia ao leitor, Jane Hodge apresenta *The Winding Stair* como um romance romântico,²⁸ justificando-se algumas palavras sobre tal designação. Em primeiro lugar, as articulações ainda hoje estabelecíveis entre o adjectivo “romântico” e as ternas tonalidades cor-de-rosa de alguma literatura “popular” rondam o conflito que opõe Gair Varlow e Vasco de Mascarenhas em torno de Juana;²⁹ contudo, se a relação da jovem com o agente secreto inglês evolui, como se disse, de um pretenso namoro para um verdadeiro amor, todas as atenções e galanterias de Vasco visam objectivos estritamente político-pessoais, conforme os últimos capítulos tornarão claro. De facto, entre outras vilanias, Vasco viria a raptar e sequestrar Juana, que, no derradeiro encontro dos Filhos da Estrela, dará mostras de extrema coragem, ao denunciar o egocentrismo megalómano dos planos do primo (Hodge 284).³⁰

Mas a auto-apresentação literária de *The Winding Stair* como “(...) a romantic novel (...)” parece-nos igualmente defensável se escorada em argumentos **histórico-culturais**. Por um lado, cumpre realçar o facto de Jane Hodge ter elegido como matéria **ficcionável** um momento **histórico** – a Guerra Peninsular – que concitou a atenção militar e política, literária e artística de uma Europa, afinal, coeva ela própria de correntes, tendências e afloramentos

‘Yes, of course. But you can’t mean – He was never married.’

‘Yes, he was. Just before he sailed for Morocco, he married the lady he loved, the lady of the rock, our Spanish ancestress, the first Juana. She bore his son after the fatal battle, after his death. (...) When Prince Henry died and the house of Aviz was thought to be extinct, her son was only a year old; she did not try to claim the throne for him. All through the sixty years of Spanish occupation she lived quietly at the Castle on the Rock with her son and her grand-children [sic]. The restoration of the House of Braganza killed her. She was a great lady (...) from everything I can find out about her, but her son was unworthy of her, and of his father. He made no effort to claim the inheritance nor even to prove the validity of his mother’s marriage. It has been left to me to do that. It has taken me years, but I have done it at last. Juana, you and I are the only surviving descendants of King Sebastian, his legitimate heirs. Since we claim through female descent you are rightful Queen of Portugal. (...) You know the people believe that Sebastian will return in Portugal’s hour of need? Well, he will return. I, Sebastian, will return. Then you will see an end to the inertia that has gripped the country under the miserable Braganzas. I tell you, the army will follow me to a man; we will drive the French from our gates; Portugal will be itself again.’ (Hodge 257-258 *passim*).

²⁸ “Who wants historical footnotes to a romantic novel? You may well ask. But Juana Brett’s imagined story is so deeply embedded in the history of her time that (...) a few brief notes at the back (...) may amuse some readers, solve problems for others, and be happily ignored by the rest.” (Hodge s.n.).

²⁹ Curiosamente, ambos (Vasco como chefe e Gair Varlow como *Brother of the Silver Serpent*) integram os Filhos da Estrela, o que confere alguma ironia à transmissão por Juana a Varlow de informações já colhidas directa e presencialmente por este, na qualidade de agente infiltrado. Após a tentativa gorada de homicídio do príncipe-regente no próprio dia do embarque em direcção ao Brasil e uma breve luta com Gair Varlow, Vasco viria a cair ao rio, morrendo afogado junto ao Cais do Sodré (Hodge 313).

³⁰ Com efeito, deverá ter-se presente a inexistência de uma efectiva sintonia político-ideológica e coesão programática entre os Filhos da Estrela, uma vez que alguns membros consubstanciam posições jacobinas, liberais ou republicanas, enquanto outros, como Vasco de Mascarenhas e os seus colaboradores mais próximos, são claramente movidos por pulsões e designios autocráticos.

românticos, corporizando valores e temáticas caros aos respectivos ideários (patriotismo, opressão vs. liberdade, etc.). Paralelamente, na **narrativa romântica** incorpora-se também (e, de certo modo, avulta, pela sua ‘novidade’) essa emergente **ficção histórica** cultivada por Scott (1771-1832); ora, *The Winding Stair* recorre ainda a práticas dela tão tradicional e visceralmente características quanto a coexistência de personagens, factos e acontecimentos reais e ficcionais, salvaguardadas as liberdades de concepção romanesca e construção do enredo, sem atropelo dos princípios de plausibilidade e verosimilhança.³¹ Assim, o actual florescimento, à escala global, da narrativa histórica, em termos de criação, produção, transmissão e consumo multimédia, tornaria oportuna uma nova reflexão sobre os modos como, entretecidas em diferentes tipos de texto(s), a **História** e as **estórias** se conjugam e dialogam, nas suas respectivas verdades e ficções.

Impõe-se ainda uma chamada de atenção para alguns elementos que permitem aproximar *The Winding Stair* da literatura de viagens produzida por estrangeiros que, animados por objectivos e motivações heterogéneos, por aqui passaram ou aqui permaneceram, com maiores ou menores delongas, a partir de meados do século XVIII. Na verdade, além do aproveitamento ficcional do *topos* da viagem, indutora de confrontos nem sempre conscientes, explicitados e assumidos entre o Eu e o Outro, Jane Hodge nomeia espaços frequentemente visitados e referidos pelos autores-viajantes, se bem que o modo ou registo descritivo seja claramente preterido face à narração e aos diálogos; para não multiplicar os exemplos, destacaríamos a visão inaugural de Lisboa anterior ao desembarque³² e as evocações de alguns

³¹ Conforme se disse (cf. *supra*, n. 28), Jane Hodge inclui, no final da obra, algumas notas históricas sobre as rubricas “Portugal”, “Sebastian”, “Pombal”, “Britain and France”, “The Portuguese Scene” e “The Sons of the Star” (Hodge 318-320). Além de juízos sempre discutíveis como a avaliação de D. José (1750-1777) como “negligible” (*Ibid.* 318), registre-se o erro factual na apresentação de D. Sebastião (1554-1578) – e não de D. Henrique (1578-1580) ou mesmo de D. António, Prior do Crato, aclamado rei em Santarém (1580) – como “(...) the last of the House of Aviz (...)” (*Ibidem*).

³² “Sitting up in her narrow cot-bed, she peered out of the porthole to see that they had passed Fort St. Julian and were well into the first narrow reach of the Tagus. Though it was only mid-August, the hills were golden brown already, throwing into relief their fringe of white-sailed windmills. Now, as they slid along by the left bank of the river, she saw a country house whose brilliant white stucco and blue woodwork stood out against the luxuriant green of a well-watered garden. They must be almost up to Belem [sic]. She threw herself into her clothes and hurried up on deck in time to see the Tower of Belem [sic] ahead, like some fantastic piece of confectionery served up for dessert (...). As the sails came down and the ship’s pace slowed, she stood quietly at the rail, (...) watching for remembered landmarks. There was the towering monastery of the Geronimos [sic.]” (Hodge 38) ou “Anchored well out from Pombal’s handsome *Praça do Comércio*, they were still near enough to see the stir of life in the square and hear the innumerable bells of the churches scattered over Lisbon’s seven hills. Standing at the rail, Juana was content for a while, to make out the various landmarks, remembered from childhood visits to the city. There was the Castle of St. George, up above the Cathedral and the tumble of red roofs that represented the old Moorish district, spared by the earthquake. And there, much nearer, was St. Roque itself, (...)” (*Ibid.* 42).

dos seus monumentos e *ex-libris*,³³ bem como das paisagens sintrenses, do Castelo da Rocha e da região circundante,³⁴ várias vezes nomeada como “The Pleasant Valley”,³⁵ numa eventual reminiscência das descrições beckfordianas da várzea de Colares.

Há também que tomar em linha de conta a identificação de traços e o registo de apontamentos civilizacionais ou culturais, não raro previsíveis e estereotipados, do Portugal dos finais do *Ancien Régime*, o que, retomando o repto lançado no início, pode indic(i)ar a consulta e leitura de relatos e diários de viagem, correspondência, etc., por parte de Jane Hodge.³⁶ Abdicando de novo de quaisquer pretensões de exaustividade, apontem-se a inanição do exército português³⁷ e da própria corte, triangularmente espartilhada entre uma rainha louca

³³ Acrescentem-se aos exemplos citados na nota precedente a coluna comemorativa do regicídio no Beco do Chão Salgado (Hodge 39), o Palácio da Ajuda (*Ibidem*), a rua do Ouro (*Ibid.* 46), o Aqueduto das Águas Livres e o Palácio de Queluz (*Ibid.* 49-50).

³⁴ “The bare, windswept ridge they were climbing presented a remarkable contrast to Sintra’s green orange and silver olive groves, and Juana was grateful for the sea-breeze that lifted her short hair under her riding hat and cooled cheeks flushed with exercise. And even up here, the crevices of the rocks were green with rosemary and lavender and the air fragrant with their scent.

“There!” She pulled Rosinante to a halt at the top of the long slope. “There it is at last.” The Castle on the Rock was built on a plateau at the seaward end of the ridge they were on. Below and to their left lay the fertile, sheltered valley whose vineyards had helped make the fortunes of the early Bretts. Looking down, Juana could see the neat rows of grape vines from which they made a wine even lighter and more delicious than the famous Colares wine. And, ahead, above them, stood the castle itself, sharply silhouetted against the western sky, a place of dream or even, maybe, of nightmare, with its strange mixture of spire and minaret, of Christian and Moorish architecture. It had been at different times in its history a Moorish citadel against the Christian invader, a pirates’ base, and, briefly, an English stronghold when Richard Coeur de Lion’s Crusaders stormed it on their way to the Holy Land. Now, for Juana, it was home.” (Hodge 54).

³⁵ “Though it was mid-September by now the hills toward Sintra were still bleached brown, waiting for the autumn rains. To enter the Pleasant Valley was like entering a different world. Here, as at Sintra, the Moorish method of irrigation was still practised, making the fullest use of every drop of water from the little stream that ran down the valley. Here grapes were ripening on their vines, trained up poles in the tidy Portuguese fashion, and Juana pulled up Rosinante from time to time to pick a few of the ripest and eat them, hot, and sweet and tasting of sunshine.” (Hodge 85). Sem pretendermos identificar, sem margem para dúvidas, outros locais ficcionalizados, apontaríamos ainda assim algumas referências ao Guincho e às *Jaws of Death* (Boca do Inferno?), local apresentado por Iago como perigoso e assombrado por bruxas (*Ibid.* 86-88 *passim*).

³⁶ Nas notas históricas, a autora indica, um tanto elipticamente, como fontes consultadas as obras de Marcus Cheke sobre o marquês de Pombal e D. Carlota Joaquina, *Letters e Journal*, de William Beckford, e *They Went to Portugal*, de Rose Macaulay.

³⁷ Nas palavras do capitão Fenton, comandante do navio que transporta Juana de Falmouth a Lisboa, “We’ve an army all ready at Portsmouth, standing by to embark the minute the French cross the frontier. (...) The Portuguese army couldn’t hold back an invasion of mice.” (Hodge 42). Mais adiante, a inexistência de uma resposta ou reacção imediata da Coroa ao ultimato napoleónico levarão Gair Varlow a exclamar: “Dom John still won’t stir from Mafra; refuses to admit the danger. The army may be loyal, but it’s had no orders, and anyway I doubt if it’s in a state to resist the French ... It’s all muddle, incompetence, inertia... It’s unbelievable!” (*Ibid.* 213-214).

em Queluz,³⁸ uma espanhola temperamental e fisicamente pouco apelativa no Ramalhão,³⁹ e, em Mafra, um regente também ele comparado, em dada altura, a um orangotango (Hodge 50), bonacheirão, indeciso e indisponível para concertar estratégias com os seus aliados britânicos; a devoção⁴⁰ e o fanatismo religioso materializado na Inquisição;⁴¹ a educação feminina⁴² e o panorama sanitário lisboeta,⁴³ para já não falar da insistência no cheiro a alho, azeite e peixe salgado, logo após a chegada de Juana ao castelo e a apresentação de cumprimentos pelos serviçais...⁴⁴

À semelhança do que frequentemente sucede nos textos que integram a literatura de viagens, os conhecimentos linguísticos de Jane Hodge são, a julgar pelas ocorrências, bastante limi-

³⁸ Além da referência ao “[...] palace of Queluz where, no doubt, the old mad Queen was pacing the garden to which her kingdom had narrowed itself, with her heart-rending cry of ‘Ai, Jesus!’ (Hodge 49-50), a autora sugere que a tomada de consciência da perseguição e punição sanguinárias, e eventualmente infundadas, dos alegados regicidas e respectivas famílias no reinado de D. José (1750-1777) terá contribuído para a demência de D. Maria I (1777-1816).

³⁹ “(...) one of the ugliest women Juana had ever seen. Short and thick-set, she had bad teeth, bloodshot eyes and coarse frizzy hair.” (Hodge 110).

⁴⁰ “She had forgotten how tawdry and cluttered the chapels were, each lit by its own range of candles and hung about with gifts, some absurd, some touching: a bunch of dried flowers, a baby’s shoe, a miniature copper frying pan. Why? she wondered, and entered the Chapel of St. John the Baptist, whose splendour of gold, and marble and lapis lazuli had struck her, as a child, as a kind of heaven on earth. Now it seemed almost embarrassing in its excess and she found herself thinking, with an odd little pang, of their parish church in England, cool, high and empty, decorated, if at all, with flowers in season, with primroses and daffodils and Easter lilies. What was the matter with her today? She had longed to be home. Why keep thinking, now she was here, of England?” (Hodge 47).

⁴¹ “Catholic or not, Juana could not help a little shiver as the black-garbed representative of the Inquisition came aboard. Ridiculous, of course, to find herself thinking of the scaffold and the wheel. The days of *autos da fé* were gone for ever. So why did she feel this queer little shiver down her spine?” (Hodge 43).

⁴² Atente-se no seguinte diálogo entre Juana e Gair Varlow:

“(...) I shall persuade my grandmother to let me ride out with you as I did with my cousin. (...)”
“You will be thought a very unusual young lady by the Portuguese.”

“I don’t care. You know how they treat their own young women? Shut up, almost as if in a harem: allowed to giggle in the shadows when there are visitors, but not to appear. It’s no wonder if they have not a thought in their heads, save of food and dress.”
“And religion.”

“Yes, but what does it mean to them? They play with religion as children do with their dolls.” (Hodge 109).

⁴³ “She had forgotten how dirty Lisbon was and how one had to pick one’s way through piles of rubbish, some dating from the earthquake, some more recent and less sanitary. Had she, as a child, just not noticed? The smell of the shawl she was wearing, familiar now, was almost a protection against the odours that assailed her as they climbed higher among the crazy conglomeration of houses, pigsties and cattlesheds. Lean, scavenging dogs snarled as they passed; a scrawny cat was tethered by a long rope to a doorstep rather cleaner than the rest; a woman leaned out of an upstairs window to empty her slops with a cry of ‘*Água vai!*’ [sic]” (Hodge 46).

⁴⁴ “(...) the well-remembered odour of salt-fish and garlic (...)” (Hodge 55) e “(...) the warm, garlic-laden embrace of a plump matron (...)” (*Ibidem*). Da própria sala de jantar dir-se-á, logo adiante: “(...) the hot air was heavy with scents of olive oil and garlic; (...)” (*Ibid.* 62).

tados, cingindo-se a formas de tratamento e cumprimento,⁴⁵ exclamações de raiz religiosa⁴⁶ e substantivos comuns,⁴⁷ por vezes grafados de modo incorrecto. Mas se uma incapacidade ou dificuldade desta norte-americana em identificar um cavalo lusitano seria inteiramente compreensível e desculpável, já a nomeação da montada de Juana Brett como “Rosinante” (sic) suscita ou permite dúvidas sobre a competência da autora na demarcação das fronteiras literário-culturais (e não apenas linguísticas) entre o português e o castelhano... Apesar de algumas inconsistências deste tipo, *The Winding Stair* é, em síntese, uma obra imaginativa e de leitura agradável, situada na encruzilhada de diferentes subgéneros, modalidades e convenções da ficção popular (narrativa histórica, romance cor-de-rosa e *thriller* enegrecido por elementos góticos) e à qual o apelo a mitos e o apoio em estereótipos portugueses conferem uma relevância documental acrescida.

⁴⁵ “Menina”, “senhor(a)”, “Dom”, “dona”, “bom dia”, etc.

⁴⁶ “Meu Deus”, “Corpo de Deus”, “Jesu Maria”, “Ai Jesus”...

⁴⁷ “Bacalhau”, “muscatel”, “modinhas”, “camareira-mor”, “acafatas”, “bruchas”, “gallegos”, “siesta”, “amiga”, “quinta”, “nortada”...

BIBLIOGRAFIA SELECTIVA UTILIZADA

- Adrião, Vítor Manuel. 2007. *Sintra, Serra Sagrada (Capital Espiritual da Europa)*. Lisboa: Livros Dinapress, Lda.
- Albuquerque, A. Tenório de. 2000. *Sociedades secretas. As suas organizações. Os seus mistérios. Os seus objectivos*. 3.ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Lda.
- Aranha, P. W. de Brito. 1909. *Nota acerca das invasões francesas em Portugal, principalmente a que respeita á primeira invasão do commando de Junot. Contém muitos documentos relativos aos successos assombrosos na Europa no fim do seculo XVIII e principios do seculo XIX*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Carvalho, Sérgio Luís de. 1992. *História de Sintra*. Sintra: Sintra Editora, Lda./Veredas – Cooperativa Cultural de Sintra, CRL, “Oh, Sintra”.
- Dias, Maria da Graça Silva. s.d. Anglismo na Maçonaria em Portugal no limiar do século XIX. In *O Século XIX em Portugal*. Comunicações ao Colóquio organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais (Novembro de 1979). Coord. Jaime Reis *et al.* Lisboa: Editorial Presença, Lda./Gabinete de Investigações Sociais, “Análise Social”, Série A, n.º 9, 429-435.
- Hodge, Jane Aiken. 1972 [1968]. *The Winding Stair*. London: Coronet Books/Hodder Paperbacks Ltd.
- Instituto de Defesa Nacional (ed.). 2005. *Guerra Peninsular – Novas Interpretações. Da Europa Dividida à União Europeia*. Actas do Congresso realizado em 28 e 29 de Outubro de 2002. Lisboa: Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas, Lda.
- Manique, António Pedro. 1988. *Portugal e as Potências Europeias (1807-1847). Relações externas e ingerências estrangeiras em Portugal na primeira metade do século XIX*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., “Horizonte Histórico”, n.º 13.
- Marques, A. H. de Oliveira. 1974 [1972]. *História de Portugal. Desde os tempos mais antigos até ao governo do senhor Palma Carlos*. 4.ª ed., Lisboa: Palas Editores, vol. I.
- _____. 1990. *História da Maçonaria em Portugal – Das Origens ao Triunfo*. Lisboa: Editorial Presença, vol I.
- Morgado, Alexandre. 1973. *Grutas de Sintra*. Sintra: Espeleo Clube de Sintra.
- Penteado, Maria Eugénia de Carvalho. 1992. Luís de Camões traduzido pelo visconde de Strangford in *Camões em Inglaterra*. Coord. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, “Diálogo”, 129-158.
- Serrão, Joaquim Veríssimo. 1996. *História de Portugal – O Despotismo Iluminado (1750-1807)*. 5.ª ed.. Lisboa: Editorial Verbo, vol. VI.
- Serrão, Joel (dir.). 1976. *Pequeno Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- Serrão, Vítor. 1989. *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença, “Cidades e Vilas de Portugal”.

Silbert, Albert. 1977. Portugal perante a política francesa (1799-1814). In *Do Portugal de Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*. 2.ª ed.. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., "Horizonte Universitário", n.º 11, 33-78.

Williams, Neville. 1988 [1966]. *Cronologia Enciclopédica do Mundo Moderno, 1763-1815*. Tradução de António Carreto Fidalgo. Lisboa: Círculo de Leitores, Ld.ª, "Cronologia Enciclopédica do Mundo Moderno", vol. I (Chronology of the Modern World).

http://www.davidhigham.co.uk/html/Clients/Jane_Aiken_Hodge. Consulta em 05.10.2007, 17:18. <http://www.fantasticfiction.co.uk/a/jane-aiken-hodge>. Consulta em 05.10.2007, 17:16.